

## MARIA NA RELIGIOSIDADE POPULAR

### 1. INTRODUÇÃO

O Continente latino-americano, desde de seus primeiros anos de Evangelização tornou-se palco da devoção mariana na Igreja. Bastaria citar alguns nomes relevantes no desenvolvimento dessa devoção marial tais como: Guadalupe no México, Copacabana no Peru, Nossa Senhora da Assunção, padroeira do Paraguai.

*A centralidade que a maternidade Maria ocupa nos momentos históricos da incorporação da fé na América Latina é um dado que sobrevive na piedade popular e, conseqüentemente, na teologia popular de nossos povos.*<sup>1</sup>

Indubitavelmente, o povo reconhece e afirma Maria como a Mãe de Deus e como a Mãe de Jesus Cristo. Contudo, outra dimensão é sublinhada em sua maternidade. Maria é a nossa Mãe, isto é, sublinhada a relação de maternidade e filiação entre o povo e Maria.<sup>2</sup>

Falar de Maria na religiosidade popular é falar de alguém a quem a fé cristã confere uma importância ímpar e transcendente. *"Sua dignidade eminente reside no fato de ser a Mãe de Deus encarnado; não apenas num sentido físico-biológico, mas principalmente num sentido de engajamento pessoal e livre.*

Em Maria, a Igreja olha-se como comunidade de irmãos e irmãs! Somente em Maria a Igreja é totalmente Igreja que vive o discipulado. Daí, que Maria é considerada o mais eminente membro eclesial; ela também ocupa um espaço correspondente no projeto salvífico da Trindade Santa. Maria é venerada como mediadora, *é a cheia de graças, pelo fato de estar de tal forma ligada ao Filho e ao Espírito Santo e portanto ao Pai.* Maria é exaltada como a Virgem Imaculada, a Assunta ao céu. protótipo para mulheres e homens de nosso tempo.<sup>3</sup>

1. cf. A.G. DORADO, *Mariologia popular latino-americana*, pp. 11,57

2. cf. G. DE FIORES e S. MEO, *Nuevo Diccionario de Mariologia*, p. 776

3. cf. Concílio VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 52-68

## 2. A PIEDADE MARIANA NAS DEVOÇÕES E PRÁTICAS

### 2.1. A oração do rosário

A festa do Rosário é celebrada em muitas localidades do Brasil, sendo considerada atualmente a principal manifestação religiosa em cidades do interior de Minas Gerais, como Diamantina e Serro. Como em outros lugares, nesta última, ela é promovida há 19 anos pela Irmandade do Rosário com a realização de novenas, repique de sinos, queima de fogos de artifício, procissão de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, cuja festa também é celebrada em outubro.

O costume da festa do Rosário remonta ao século XVI quando o Papa Pio V instituiu a festa para comemorar a vitória conseguida na batalha de Lepanto que foi travada entre cristãos e mulçumanos para decidir quem iria dominar na época a Europa. A vitória dos cristãos foi atribuída ao poder do rosário. Porém, a prática do rosário como forma de oração, é mais antiga, sendo divulgada por São Domingos a partir do século XII e mais tarde, pela ordem dos dominicanos.

O Rosário surgiu por volta do século XI, com o título *saltério* de Nossa Senhora, sendo que as 150 ave marias eram rezadas em substituição aos 150 salmos. Os destinatários eram os anal-fabetos, os quais não podendo ler os salmos, rezavam as 150 Ave Marias. Só posteriormente foram introduzidos o Pai Nosso, a Santa Maria e a meditação dos mistérios da vida de Cristo. A palavra rosário origina-se da palavra rosa. O seu formato lembrava provavelmente alguma coroa de rosas oferecida a Maria.

O Papa Paulo VI deu-nos uma visão de conjunto da natureza, da importância e sobretudo do valor Pastoral do rosário. Delineando a figura de Maria a Mãe de Deus como aquela que está em primeiro lugar na Igreja, como a primeira redimida. O Sumo Pontífice percebe a possibilidade de renovação sobre os seguintes aspectos: na perspectiva bíblico-litúrgica, ecumênica e antropológica.<sup>4</sup>

É notório que o rosário é colocado dentro de três ciclos onde cada um contém cinquenta repetições. Aqui é perceptível o entrelaçamento dos dois mistérios da fé: Jesus - Filho de Deus e Jesus - Filho da Virgem Maria. A saudação Angélica (Lc. 1,28) e o louvor pronunciado por Isabel (cf. Lc. 1,42) juntamente com as súplicas da Igreja. "*Santa Maria, mãe de Deus...*"<sup>5</sup>

Indubitavelmente, o Papa Paulo VI, percebe uma imensa riqueza e variedade na oração do rosário e a expressa como uma oração pessoal comunitária frutífera para os cristãos. Sem dúvida, a exortação da Igreja tem tido durante séculos inúmeros frutos na prática e devoção dos fiéis através da reza do rosário.

4. O Papa ilustra o rosário como sendo uma oração bíblica, faz resenha dos dados essenciais da história salvífica, demonstrando o caráter meditativo e a relação existente entre liturgia e o rosário, cf. VVAA, *O culto a Maria hoje*. p.268

5. cf. *Ibidem*, p. 269

Na piedade mariana, o rosário tem ocupado um lugar especial, como um modo piedoso de oração onde resgata a saudação do anjo à Virgem por cinquenta vezes, tanto quanto os salmos do saltério de Davi, interpondo entre cada dezena a oração do Senhor, com determinadas meditações ilustrando a vida de Jesus Cristo.

O povo, ao rezar o rosário, sente-se inserido na comunhão da Trindade e em comunhão com Maria. O que significa dizer que através da oração do rosário o povo entra em contemplação do mistério salvífico. Geralmente a reza do rosário é feita em família ou então em comunidade.

O rosário ganha um caráter universal. No "*sensus fidelium*" torna-se uma oração de súplica e de louvor como também adquire uma dimensão penitencial: rezar o rosário devido à quantidade de Ave Marias, ajuda o orante a penitenciar-se diante de Maria, a mergulhar no mistério salvífico.

## 2.2. A coroação de Nossa Senhora Rainha

Indubitavelmente, na piedade popular, a coroação de Maria é um dos símbolos mais significativos da alma do povo. Além das festas das quais Maria é a padroeira, um momento forte onde o povo gosta de coroar Maria é o mês de maio. Aqui a simbologia ocupa lugar enfatizando a dimensão real de Maria. Conforme a região, crianças simbolizando a pureza, são vestidas de anjos para coroarem Maria; acompanhados de um coro angelical. Ao coroar a Virgem-Rainha, o povo expressa sua gratidão pelos favores prestados por Maria durante todo decorrer do ano. Todavia, outro motivo pelo qual se realiza a coroação de Maria é o reconhecimento de sua realeza junto de Deus. Maria é a rainha do céu e da terra.

Em muitos lugares do nordeste brasileiro, a realeza de Maria está inter-relacionada com seu poder de intercessão. Portanto, coroar Maria rainha do céu e da terra é reconhecer seus méritos, é confiar em sua proteção e entregar-se ao poder da rainha-mãe e permitir que ela conduza os fiéis ao único rei Jesus Cristo. Por isso, ao mesmo tempo que Maria é coroada, é coberta de pétalas de flores, simbolizando a ternura, o carinho total do povo.

No momento no qual o povo coroa Maria há no imaginário popular uma transcendência. Impulsionado por uma força misteriosa, o povo ultrapassa seus limites, sua pobreza e entra numa Koinonia com Maria. Essa experiência leva o povo a negar qualquer outra realeza. Embora de forma inconsciente, este é o ponto forte de sua fé, no único rei (O Cristo Senhor) experimentado através da presença de Maria que reina no meio do povo.

Sem dúvida, o momento da coroação de Maria é um momento de elevação de todo um povo que participa dessa festa homenageando a Maria, a Rainha protetora.

### 2.3. Tradição da Igreja sobre a realeza de Maria

Diante de todo um contexto histórico, vemos que o título de rainha atribuído a Maria origina-se do título reina, desde os primórdios da tradição cristã, ou seja, do início do século IV.

O Papa Pio XII, resgatando a Tradição publicou com a data de 11 de Outubro de 1954 a encíclica *Ad coeli reginam* instituindo a festa de Maria reina. No ponto de vista do Papa o fundamento da realeza de Maria encontra-se nos mais antigos documentos da Igreja e nos livros da Sagrada Liturgia. Com base na sagrada Escritura ele afirma que o povo cristão crerá sempre que recebeu privilégios acima de todas as criaturas de Deus aquela mulher da qual nasceu o altíssimo que reinará eternamente na casa de Jacó (Lc. 1,32) como príncipe da paz (Is. 9,6), rei dos reis e senhor dos senhores (Ap. 19,16).

Indubitavelmente, a realeza de Maria está ligada à maternidade divina. Portanto, inserida neste contexto de maternidade, Maria é rainha pelo fato de que dá a vida ao Filho de Deus que é rei e senhor de todas as coisas e seu reino não terá fim (Lc. 1,32-33).

Outro elemento que fundamenta a realeza de Maria é sua gloriosa Assunção. Assim como Jesus pela ressurreição é entronizado ao lado do Pai como rei messiânico, também Maria assumpta ao céu está sentada ao lado do Filho.

Portanto, quando o povo capta Maria como rainha, é necessário ultrapassar as polêmicas que hoje este título poderia suscitar sobretudo partindo do conceito político que o termo tem dentro de seu desenvolvimento histórico.<sup>6</sup> É necessário compreender que Maria na piedade popular é a Rainha que triunfa sobre o mal quando participa do domínio de Jesus Cristo contra os inimigos.<sup>7</sup>

Daí que nas devoções populares, coroar Maria significa reconhecê-la coroada de glória, a coroa da vida o que resgata a mulher do Apocalipse que tem em sua cabeça uma coroa de 12 estrelas. Maria é a rainha que sintetiza o reinar da comunidade. Ela tem em comum a realeza do povo de Deus.<sup>8</sup>

Portanto, coroar Maria como rainha é perceber que ela se insere na realeza do povo de Deus, eleito para reinar na dinâmica da salvação, porvir da História.

### 2.4. A manifestação da piedade mariana nos santuários

Debruçando-nos sobre as janelas do nosso contexto histórico, percebemos que a devoção a Maria é como um raio luminoso que se expande. A maior parte dos lugares sagrados que

6. cf. G. De Fiores, o. cit., p. 1713.

7. cf. Ibidem, pp. 1719-1721.

8. cf. Ibidem, p. 1724-1725.

são denominados de santuários é espaço de peregrinação dedicados a Maria a Mãe de Jesus.

Nos santuários a devoção popular sente a necessidade de um apôio concreto. Daí a criação de relíquias, de algo palpável, medalhas, distintivos, imagens, os milagres, as graças atribuídas a intercessão da Mãe de Deus.<sup>9</sup> E como reconhecimento a estes favores da Virgem, a peregrinação ao santuário é inevitável. É o momento de pagar a promessa, muitas vezes expressa em objetos (pernas de gesso, fitas, cabeça, vestimentas, braços de madeira, etc. cf. a promessa feita). Os cantos expressam os anseios de proteção de amparo que os fiéis esperam de Maria.

Indubitavelmente a variedade de motivos que podem levar os peregrinos aos santuários não impede afirmarmos que o central é a proteção de Maria, isto é, motivos religiosos. Os fiéis peregrinam até o santuário para pedir a intercessão da Mãe e dar-lhe graças ao cumprir votos e promessas. Outros vão apenas por devoção: vão para recordar seus seres queridos vivos e defuntos, rogar por eles e expressar todos os sentimentos que podem encerrar a alma humana.<sup>10</sup>

Normalmente a peregrinação ao santuário assume um caráter penitencial onde nem sempre é perceptível ao exterior: recebe-se o sacramento da reconciliação, participa-se da celebração eucarística, reza-se, não só individualmente, mas também comunitariamente. A partir dessa dimensão é válido dizer que a piedade popular mariana resgata ou assume os mesmos caracteres que temos desde o início e que estão presentes na tradição da Igreja. Isto é, coloca no centro da piedade marial o mistério de Cristo Redentor.<sup>11</sup>

O Concílio Vaticano II e o Magistério da Igreja têm recomendado com insistência aos Agentes de Pastoral, que procurem sempre concretizar uma autêntica piedade à Mãe de Deus.

É preciso que uma devoção à Maria esteja inter-relacionada com todo o projeto salvífico da Santíssima Trindade, da qual Maria é espaço de ação.

### 3. TEOLOGIA DO LUGAR DE MARIA NA REDENÇÃO

#### 3.1. as celebrações dolorosas

Uma das situações vividas pelo "sensus fidelium" é a condição de Maria como a Mãe das Dores.

Indubitavelmente, é com esta mãe das Dores, mulher forte, dom de Deus, porém, levada pelo mesmo Deus ao sofrimento e à dor; aos pés da cruz, que o povo se identifica.

Um momento na religiosidade popular no qual é perceptível a identificação do povo com Maria é a Semana Santa.

9. Basta olharmos nos santuários, as salas dos milagres, a variedade de expressão do povo cf. *Ibidem*, p. 1823.

10. Isto significa que é preciso distinguir também os turistas que vão aos santuários simplesmente para conhecê-los, porém, sem motivos religiosos., cf. *Ibidem*, p. 1835

11. Desde os primórdios ou seja nos primeiros séculos, a manifestação da piedade cristã a Mãe de Deus manteve sempre um caráter cristocêntrico, cf. *Ibidem* p. 1817

A procissão da Virgem dolorosa que sofre com a paixão do Filho se introjeta na vida e no sentimento de mulheres e homens que convivem com a dor. Na dor da mãe Maria está simbolizada a dor de um povo marginalizado e excluído... Aqui a oração se mistura à tristeza e às lágrimas. O povo que acompanha a procissão da Mãe das Dores (Virgem dolorosa) carrega em seu semblante o luto e se emociona com as “representações realistas da crucificação, o enterro, a procissão da Virgem dolorosa, etc. Prevaecem sobre os atos estritamente litúrgicos com simbolismos muito distantes da mentalidade realista do nosso povo. Mas é o momento de confessar-se e de comungar... como se faz na tradição consagrada para honrar e pedir pelos defuntos. Aldeias e campos vestem-se de luto nestas celebrações, o mesmo que se costuma fazer no lar quando alguém morre”.<sup>12</sup>

12 cf. A.G. DORADO, *Mariologia popular atino-americana*, p. 75

Todavia, o importante é perceber a maneira que o povo tem de expressar sua religiosidade. Nesse momento onde há solidariedade à dor da Mãe dolorosa há ao mesmo tempo um inter-relacionamento com a dor do outro: participando junto, vivendo uma certa “*koinonia*”. Aqui prevalece o sentimento filial e fraterno onde todos se sentem agasalhados embaixo do mesmo manto sem distinção de raças. O que importa é o clamor que sobe até aos céus através de Maria.

### 3.2. As celebrações festivas

Um momento especial na vida do povo é a festa da Padroeira. Essa festa equívale ao aniversário da mãe, um momento onde nenhum dos filhos pode faltar.

A celebração da festa da padroeira ganha para muitos uma dimensão de peregrinação porque é o momento onde todos os filhos fazem romaria à casa da mãe Maria para venerá-la e prestar sua homenagem. É o dia em que se cumprem as promessas e se levam as oferendas. Aos pés da Mãe depositam-se ramalhetes de flores simbolizando o carinho e a gratidão para com Maria.<sup>13</sup>

13. cf. *Ibidem*, p. 75

É o dia em que homens, mesmo os mais retraídos, manifestam com todo ardor sua piedade e sua devoção à Mãe. Fazem isto, carregando publicamente os andores na procissão em que se encontra a imagem. Assim sendo, é possível que haja um reconhecimento do valor da maternidade para os homens num mundo machista. Na festa da padroeira, a sociedade apresenta-se como lar.<sup>14</sup>

14. cf. *Ibidem*, p. 75

Neste dia, atos religiosos misturam-se às celebrações festivas com todas as expressões culturais, sociais e tradicionais com os quais o povo costuma fazer suas festas profanas. Se a Virgem Mãe é a senhora do céu, é também a senhora da terra, humana, carinhosa, próxima da comunidade. Por isso, aos atos

15. cf. *Ibidem*, p. 75

religiosos se misturam expressões de alegria de festa.<sup>15</sup> Daí que em muitos lugares, o dia da festa da padroeira é o dia escolhido para o batizado dos filhos e o casamento. Há uma certa intimidade no relacionamento: povo e mãe-Maria.

16. cf.. G. De Fiores, o. cit., p. 1609

As festas, onde Maria é festejada como padroeira, têm uma tipologia de comunhão explosiva, mais participativa. Com seu poder convocatório, Maria manifesta uma consciência da família. As festas marianas são na maioria das vezes memória da intervenção de Maria na vida do povo.<sup>16</sup>

Nessas celebrações festivas, o povo canta, reza, expressando sua pertença a mãe Maria manifesta através de algumas orações; consagrando-se à proteção da Mãe. Sem dúvida, o dia da festa da padroeira, é um dia de gratidão, oferenda, mas também de pedido: o pedido para permanecer sempre na presença, sob a proteção da Mãe. Indubitavelmente, o povo busca na figura da Maria seus auxílios espirituais e novas esperanças.

Dessa forma, nada mais resta do que sonhar com a liberdade. Esta, por sua vez, só pode vir pela intercessão da padroeira, a Mãe. Aos pés da mãe-Maria, todos falam a mesma linguagem, sem distinção alguma de raça, cor ou laço consanguíneo. Aos pés da mãe, mulheres e homens se prostram e proclamam seu louvor ou sua súplica, derramam lágrimas, elevam uma oração de esperança ou ação de graças.

Maria no “*sensus fidelium*” é captada como Mãe de Deus, é portanto a expressão materna do Deus da vida em seu dinamismo trinitário.

### 3.3. Maria mãe de Deus

Quando nos debruçamos sobre o conteúdo da história salvífica, percebemos que a Mãe do Redentor ocupa um lugar primordial. A salvação de Maria, sua dimensão intercessora está ligada à missão-histórica que Deus confiou e que tem sua expressão na maternidade messiânica.

17. cf.. *Ibidem*, p. 618

Em 431, o Concílio de Éfeso define explicitamente que Maria é a Theotokos = a Mãe de Deus.<sup>17</sup> Portanto, a maternidade divina é o mistério mais antigo concernente à pessoa e à função de Maria na história salvífica constituindo dessa forma um ponto forte para a Igreja, seu magistério, sua liturgia, sua arte e sua piedade popular.<sup>18</sup>

18. cf.. *Ibidem*, p. 1180

A maternidade divina leva-nos ao mistério de Maria que nos remete ao mistério maior que é o mistério da própria Trindade Santa que, na plenitude do tempo, se revela através de uma mulher conforme nos lembrou o apóstolo Paulo. “*Na plenitude do tempo Deus enviou seu Filho nascido de uma mulher* (Gl. 4,4). Assim, Jesus é filho de Maria e é filho de Deus que

assume a fragilidade humana. É o próprio Deus que se encarna, que habita o espaço de Maria, tornando-a habitação sagrada = a “*Theotokos*”.

A maternidade divina de Maria torna-a assim, conforme o Evangelista Lucas a nova arca da Aliança. Porém é a partir de Éfeso (431) que a proclamação solene e seu glorioso contexto fazem com que a maternidade divina constitua um título único de senhorio e glória para a mãe do Verbo encarnado.

O Concílio Vaticano II, retomando a tradição da Igreja, resgata a palavra oficial da Igreja sobre Maria a “*Theotokos*”, a mãe de Deus. Ai a maternidade divina aparece como fulcro doutrinal de todo o mistério e a missão de Maria. O concílio deu relevo à dimensão soteriológica dessa maternidade.<sup>19</sup>

Numa releitura do mistério da *Theotokos*, proclamado pela Igreja dos primeiros séculos, a Igreja percebe a relação à pessoa de Maria ou a pessoa do Verbo, pelo que significa essa maternidade para a salvação humana. Maria é assim a figura da Igreja na sua própria maternidade divina, a qual estabelece uma relação entre Maria/Igreja, entre Maria/povo de Deus.<sup>20</sup>

Indubitavelmente, a maternidade divina está a serviço da salvação de um povo. Reconhecer Maria como a “*Theotokos*” é afirmar que Jesus é o Filho de Deus. Proclamar Maria Mãe de Deus é anunciar que o Reino de Deus chegou, é proclamar uma Boa Notícia para os pobres. Assim sendo, a maternidade divina de Maria é compreendida pela Sagrada Escritura e pela tradição da Igreja como um dom da Trindade dado ao povo a serviço da salvação.

Deus operou maravilhas na pessoa de Maria: por isso ela efetivamente está ligada ao tempo: viveu a condição de peregrina na fé e na esperança, era Virgem, tornou-se Mãe de Deus, fez-se junto à cruz corredentora de todos os homens, teve que esperar ser glorificada.<sup>21</sup>

#### 4. CONCLUSÃO: MARIA, LUZ PARA O POVO

Diante de tanto sofrimento e escuridão por onde trilha o povo, Maria é nesta realidade captada pelo “*sensus fidelium*” como luz. Luz que clareia a noite do nada, as trevas do Espírito. A Luz que lhe é atribuída, não é a luz dependente, como a lua, que capta sua luminosidade do sol. Ela é na verdade o astro que possui luz própria e que expande raios em toda direção e é visível a todos.

Aqui é importante resgatar a idéia do doutor da Igreja Sirioantioquena, Efrém, denominado no Oriente, a cítara do Espírito Santo. Efrém, retomando um antigo paralelismo entre Eva e Maria afirma: “*Eva é o olho esquerdo cego (sem luminosidade).*”

19. cf. I. GEBARA e M. C. BINGEMER, *Maria mãe de Deus e mãe dos pobres*, pp. 112-113

20. Maria é a Mãe de Deus e é mãe da Igreja, como Mãe do Verbo está ligada à maternidade do novo povo de Deus ao mesmo tempo que é membro eclesial, cf. *Ibidem*, p. 144

21. cf. L. BOFF, *O rosto materno de Deus*, p. 25

22. cf. G. DE FIORES, O. CIT., p. 1532

*Maria é o olho direito e luminoso. Portanto, graças a Maria, o olho direito, iluminou o mundo com a luz celeste que nela habitou e envolveu todos os homens rumo a unidade.*<sup>22</sup>

Na religiosidade popular, quando é noite, quando a vida parece cansar, Maria, a Virgem-Luz, como um raio luminoso penetra a escuridão iluminando a noite do nada, transformando as trevas em luz. Mulheres e homens em sua fé singela, sentem-se renascidos das cinzas do cotidiano e em seu coração recria a esperança revigorando as energias. Aqui a piedade popular se exprime em oração e diálogo do povo com Maria. Geralmente, as orações são tecidas numa linguagem solene marcando especialmente a dimensão de grandeza e autoridade da Virgem.

Concluindo é preciso afirmar que na piedade popular Maria mesmo aparecendo com luz para o povo, é antes de tudo nossa Mãe. É assim que Maria é captada pelos povos latino-americanos desde que pousou em nosso Continente. Em todas as manifestações religiosas do povo, Maria está presente como Mãe, aquela que ilumina o Novo Amanhecer de um povo peregrino.

Portanto o ser Luz de Maria, sem dúvida, está ligado à maternidade divina. As relações afetivas e filiais no âmbito da fé que se estabelecem entre a população americana e Maria são relações de uma Mãe que assume a maternidade, comprometendo-se com o gerar e defender a vida.

Maria é na piedade popular a Mãe defensora da vida, a protetora por excelência. O povo de modo intuitivo sente a Mãe de Deus presente em sua vida como dom a potência do amor infinito de Deus Pai. Assim todos sentem-se envolvidos em seu amor maternal.

Neste mistério de Maria como Mãe e mediadora, está incluída a dimensão da Mãe das Dores. Aqui se faz necessário lembrar as palavras do Papa João Paulo II em sua carta Apostólica *Mulieris Dignitatem* o qual ao falar da dor da Mãe aos pés da cruz afirma: *A Mãe que mediante a fé participa do mistério desconcertante do despojamento do próprio Filho*<sup>23</sup>

Indubitavelmente, deve-se afirmar que na religiosidade popular, Maria é percebida pelo povo não a partir de conceitos e sim de situações concretas. O processo espiritual é existencial intuitivo. É abertura a uma resposta, a uma esperança a uma necessidade. O povo acredita em Maria como instrumento da proteção de Deus. Esta forma de pensar resgata o que falou um dos padres da Igreja, pertencente a Escola antioquena, Severiano de Gábalá (+ 408), a respeito de Maria: *"Ela é instrumento da divina proteção"*.<sup>24</sup>

Contudo é necessário reafirmar que na piedade popular a proteção de Maria deriva de sua maternidade. Assim foi em Guadalupe. Apareceu como a Mãe do Deus de grande verdade,

23. cf. Papa JOÃO PAULO II - Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem*, p. 73

24. cf. G. DE FIORES, p. 1537

Téotl: daquele graças ao qual vivemos, do criador das pessoas, do Senhor do que está perto e unido, do Senhor do céu e da terra.<sup>25</sup>

Todavia, vale dizer que a devoção popular à Maria traz em seu bojo elementos preciosos que trabalhados contribuirão para iluminar a prática de libertação do povo, passando por um processo de conversão total e de libertação das deficiências da cultura popular tradicional. Para isso é necessário um processo de continuidade e de descontinuidade com o passado. Continuidade no que diz respeito às suas legítimas raízes. E, em descontinuidade com tudo aquilo que desfigura a verdadeira imagem de Maria a Mãe de Jesus, mulher corajosa que não hesitou em cantar a queda dos poderosos e a elevação dos humildes.

Dessa forma é possível cantar com Maria a um novo amanhecer na história das mulheres e dos homens que acreditam na presença do Deus-comunhão na caminhada dos fracos que unidos tornam-se fortes.

25. cf. C. L.S. ACUÑA, *A mensagem de Maria de Guadalupe*, p. 50

#### BIBLIOGRAFIA

- ACUÑA, C.L.S., *A mensagem de Maria de Guadalupe*. São Paulo, Paulus, 1995.
- BOFF, L., *O rosto materno de Deus*. Ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. Petrópolis, Vozes, 1986.
- DORADO, A.G., *Mariologia popular latino-americana*. São Paulo, Loyola, 1992.
- GEBARA I e BINGEMER, M., *Maria mãe de Deus e mãe dos pobres*. Um ensaio a partir da mulher e da América Latina. Petrópolis, Vozes, 1988.
- Novo Dicionário de Mariologia*, São Paulo, Paulinas, 1988.
- PAULO II, *Mulieris dignitatem*. São Paulo, Paulinas, 1990.
- VVAA, *O culto a Maria hoje*. São Paulo, Paulinas, 1980

*Maria Freire da Silva*  
Professora de Mariologia  
Instituto Teológico São Paulo  
Fac. N. Sra. Assunção — São Paulo, SP